



O CRUZEIRO DE WINCHESTER.

A PRÁTICA de erigir e firmar pedras singelas para memórias de particulares successos é de antiguidade mui remota: assim, lemos na sagrada historia que Jacob as levantára; exemplo no Genesis cap. 28.º v. 18 — «Então se levantou Jacob pela manhã de madrugada, e tomou a pedra que tinha posto por sua cabeceira, e a pôz por estatua, e derramou azeite em cima della» — Josua ou Josué tambem collocou doze pedras para commemorar a passagem do Jordão — «E as doze pedras, que haviam tomado do Jordão, levantou Josua em Gilgal. — E fallou aos filhos d'Israel, dizendo: quando amanhã vossos filhos perguntarem a seus paes, dizendo: que significam estas pedras? — Fareis saber a vossos filhos, dizendo: Israel passou em secco por este Jordão.» — Liv. de Josué cap. 4 v. 20 a 22. — (\*) Mais exemplos se acharão nas sagradas lettras. Porem, correndo os tempos, monumentos similhantes da libertação de perigos ou de outro qualquer beneficio conferido a individuos ou nações, lastimosamente se interpretaram por modo alheio do seu primitivo objecto: a recordação dos succes-

sos de que eram signaes perdeu-se ou obscureceu-se; o paganismo por longo tempo os envolveu em seu culto idolatra. — Descendo a periodo muito posterior acharemos que os ministros do christianismo zelosamente empregados na propagação da religião verdadeira, persuadindo os homens a abraçarem as novas e salutaes doutrinas, não demoliam sempre a pedra votada aos idolos, mas santificavam-na; removendo a imagem sacrilega arvoravam em seu logar a cruz sacrosanta, para que no mesmo logar se fizesse a expiação; e assim obravam politica e religiosamente. Successivamente o estandarte da Redempção ganhou seu legitimo imperio; precedeu os reis nas batalhas, marcou as entradas e coroou o frontispicio dos santuarios, campeou sobre os monumentos sepulchraes, designou os sitios de assassinios e outros casos lamentaveis, chamando os fieis á oração, memorou n'outros logares acontecimentos prosperos e reconciliações, collocou-se triumphante na encruzilhada de tres ou quatro caminhos ou estradas. Taes foram as origens dos nossos multiplicados cruzeiros, muitos delles de veneravel tradição. Aqui tem sido derrubados, e a protestante Inglaterra ainda muitos conserva; entre elles os cha-

(\*) A traducção é de João Ferreira d'Almeida; edição de 1819.

mados *market-crosses*, por serem erigidos onde se faziam, e ainda em muita parte concorrem, feiras ou mercados: ha dez celebres pela sua estrutura, começando pelo de Salisbury. Dos mais elegantes é o cruzeiro de Winchester, (::) que alguns datam do reinado de Eduardo 3.<sup>o</sup> [seculo 14.<sup>o</sup>], outros do reinado de Henrique 6.<sup>o</sup> [seculo 15.<sup>o</sup>]: é repartido em tres andares, com uma pilastra central quadrada e quatro menores nos angulos, tudo coberto de grandes ornamentos e decorações: das estatuas permanece uma que dizem geralmente ser de S. João Evangelista, postoque lhe faltem os attributos com que se costuma designar este Apostolo.

Chamam agora ao cruzeiro de Winchester *da manteiga*, porque ao redor d'elle se costumam ajuntar os vendedores deste genero por miudo.

#### O CONDE SOBERANO DE CASTELLA, FERNÃO GONÇALVES.

912—970.

17.<sup>o</sup>

(Continuado de pag. 224.)

#### O tribunal.

ENTRE os visigodos havia condes de duas castas, *condes de palacio* os que exerciam emprego na corte do monarcha, e os condes feudatarios que tinham jurisdicção do seu suzerano em determinado circulo territorial. A estes, alem do commando da hoste ou exercito, e da administração civil, competiam as attribuições do poder judicial. Esta cumulação de funções trazia raiz de uma lei fundamental dos antigos povos de origem germanica que vedava o separa-las. Mas fosse qual fosse a origem de semelhante instituição, o certo era existirem na Hespanha estados christãos e independentes encravados em meio do imperio arabe, como um protesto armado contra a conquista—protesto do poder vencido reagindo contra o vencedor.—E esse poder vencido procurando manter pelas armas a terra da patria, procurava pelas leis conservar as tradições e o espirito da nação.

Eis-aqui porque ao tempo do conde de Castella, Fernão Gonçalves, vigorava, unica e exclusiva, a lei visigothica. A elle pertencia o direito de julgar; e julgava não só em causas civeis e criminaes, senão tambem em algumas ecclesiasticas. O modo porem de desempenhar as funções de julgador não era uniforme; porque umas vezes decidia o conde per si mesmo; outras de concerto com homens letrados a que chamavam *conselheiros*; e de tempos a tempos delegava nos juizes ordinarios—que os havia tambem—esse cuidado.

A um homem como elle, cujos projectos vastos e ambiciosos dependiam muito do favor popular, convinha fallar, ao respeito e sympathia da multidão, do logar—salvo o campo de batalha—onde melhor o podiam escutar—o tribunal da justiça. E assim o fazia tanto á acceitação dos governados, quanto a lei visigothica, não ordenando que os processos fossem publicos, deixava a publicidade ou segredo delles no arbitrio inteiramente dos juizes; e só obrigava que fosse patente a execução da sentença penal.

(::) Cidade de mui remota fundação, séde de bispado, a 62½ milhas sudoeste de Londres.

Imaginai no cimo da Vejarrua uma casa baixa, espaçosa, o pavimento de pedra, abobadada, e o tecto sustentado em columnas hybridas semi-gothicas e semi-romanas. Divide-a uma balaustrada quasi ao meio. Da parte de fóra está o povo. Á porta os sayões com os seus homens. E de dentro da tã no topo fronteiro á porta um estrado mui alto; sobre elle uma cadeira de espaldar, lavrada de bestiães e arabescos, com os braços e suppedaneo dou-rados; sentado ahi o conde Fernão Gonçalves em trajos militares. Á direita e esquerda, um pouco mais baixos, sentados tambem os conselheiros com suas opas roçagantes, e um delles ecclesiastico; que a lei os permittia dessa classe. Em baixo no pavimento os escrivães, ou notarios em suas bancas. Para diante, ao lado direito junto á parede o defensor ou numerario, tambem na sua cadeira. E ao meio da tã bancos; os da esquerda para os réus; e os da direita para os queixosos, ou seus procuradores, e para as testemunhas. Em pé junto ao tribunal estava o pregoeiro. E sayões com seus homens no fundo da tã a cada uma das portas lateraes, por onde entravam todas as pessoas de que se compunha o juizo.

Principiou a audiencia pela chamada que o pregoeiro fez ás partes, cujos processos se achavam instaurados. Alguns dos réus que nem mandaram depoimento escripto, nem compareceram como deviam, foram summariamente condemnados na pena dos contumazes, que eram cinco soldos de ouro para o queixoso ou auctor, e outros tantos para o juiz da causa.

Appareceram algumas mulheres pedindo remedio contra os seus noivos que depois de lhes haverem dado palavra de casamento, se recusavam a cumpri-la. E verificado por testemunhas que, de feito, tinha havido promessa e ajuste solemne entre os contrahentes na presença das mesmas testemunhas, e troca do anel nupcial,—as duas condições substanciaes exigidas por direito—decidiram os juizes que os recalitrantes fossem constrangidos a celebrar matrimonio.

Appareceu depois um casado allegando que sua mulher tinha mais idade que elle. E averiguado que assim era por certidões de baptismo, annullou-se alli logo, na forma da lei, o casamento; como é de crer, com muito contentamento do marido, e vexame da mulher, e não sem muitos sorrisos dos espectadores; mas com manifesto dissabor daquellas espectadoras, a quem os annos iam começando a tirar a esperança.

Outros casos costumavam tambem appresentar-se de desavenças matrimoniaes, rebuçados comtudo em apparencias menos asperas; como eram entrarem mulheres no claustro de consentimento dos maridos. Mas desta casta de separação, que nem sempre procedia de desgosto entre os consortes, antes muita vez nascia da exaltação de idéas religiosas assaz commum nessa epocha—não se offereceu nenhum exemplo naquelle dia.

Foram accusados por um dos juizes de terem faltado á montaria dos lobos que se fazia todas as semanas varios lavradores, cavalleiros e presbyteros, que nenhuma dessas classes era izenta daquelle onus. Mas esse negocio ficou adiado para outra audiencia.

Appareceu a tia Josefa como procuradora [a lei tambem permittia que as mulheres o fossem] d'outra mulher, allegando que um barbeiro tinha aleijado o braço direito da sua cliente no acto de a

sangrar. E convencido por testemunhas e exame de peritos que era verdade, foi logo alli condemnado, conforme o codigo, em 150 soldos de perdás e damnos para a queixosa o desasado Galeno.

Appareceram alguns devedores insolúveis, que em virtude do codigo foram sentenceados a ser escravos perpetuos dos seus credores; excepto dois, dos quaes, sendo reconhecido que por accidente da fortuna, não por culpa propria, haviam cabido naquella desgraça, o conde mandou pagar as dividas do bolcinho delle.

Todas estas causas, tantas como eram, se decidiram naquella audiencia já porque algumas tinham processo instaurado, já porque n'outras a contestação da parte foi mui breve, já emfim porque na legislação visigothica o processo era muito expedito, e estava despido das formas engenhosas, mas enredadas da jurisprudencia romana. Que nisto ao menos, sobretudo no tocante a crimes, aquella legislação barbara, draconiana, sanguinaria levava vantagem á nossa, chamada philantropica por excellencia: aquelle a quem tocava em sorte uma orelha de menos, um braço mutilado, uma centena de açoutes ou de bastonadas, o equuleo, a roda ou o fogo aviavam-no de pressa — não o faziam passar pelas torturas cruelissimas, nem soffrer as mil mortes moraes que padece entre nós o criminoso que as leis condemnam a pena ultima, nos mezes e annos que lhe estão o supplicio e o algoz diante dos olhos, e as lentas e horriveis agonias daquelle transe futuro se lhe multiplicam pelo pensamento até que chegue a hora fatal em que tem de realisar-se.

Já se ia fechar a audiencia, quando o porteiro annunciou que um judeu, por nome Isaac, bem conhecido no burgo porque no bairro da judearia (\*) exercia um cargo correspondente ao de arrabi-mór, pedia ser ouvido por ter que fazer revelação importante, que interessava muito á justiça. Houve alguma hesitação no tribunal sobre se era permittido a um hebreu levantar a voz naquelle recinto. Mas ponderando um dos conselheiros que o codigo fazia excepção a favor dos judeus de probidade reconhecida, e que este podia assim ser conceituado pelo cargo que exercitava e a consideração de que gozava entre os seus, decidiu o conde que fosse admittido.

— Senhor! [disse Isaac, ao entrar no tribunal, com saudação muito humilde] Em meu nome, e em nome de todos os hebreus do burgo, muito leaes vassallos de vossa honra, venho declarar neste tribunal que um lobo feroz appareceu entre as innocentes ovelhas do rebanho de Israel. Um judeu degenerado, um indigno, um infame, chamado Othoniel, [o conde franziu as sobrancelhas] veio ha poucos dias de Cordova disfarçado em trajos de mercador mosarabe, e a titulo de tratar mercancia licita, veio fazer veniaga infernal. . . Era espia do calipha! . . . A judearia soube-o, e logo que o soube, foi bater á porta de Isaac, vosso fiel servidor, dar-lhe parte do successo, e encommendar-lhe que se dêsse pressa em relata-lo a vossa honra. Apenas fui sciente do acontecido corri o bairro todo, e exortei os meus irmãos a não se contaminarem no mais leve contacto com o monstro impuro—que não trocassem com elle uma só palavra; que lhe não dessem nem sêde de agua; que lhe fechassem as suas portas; e que se o vissem atravessando uma viella do bairro, to-

massem por outra para se desencontrarem delle. Determinei vir logo hontem ter com vossa honra; mas lembrado de que era hoje dia de audiencia, para ser mais conhecente a todo o burgo a fidelidade do israelita, preferi manifestar-vos neste logar todo o occorrido. O meu unico receio é que o reprobado tenha escapado, porque desde hontem á noite ninguem dá noticia delle: desapareceu como fumo.—Aproveitei tambem a vez para apresentar a vossa honra uma requesta que, dias ha, me encommendou o bairro. Senhcr, os tempos vão esquivos e muito alcançados, e para ninguem mais esquivos do que para o pobre hebreu: e ainda assim, o dinheiro da vossa leal judearia nunca vos faltou em casos de apuro. Mas a finta que acabam de lhe lançar para a guerra que se espera, é muito pesada, muito pesada, senhor! Um [Isaac foi contando pelos dedos], dois, tres, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove, dez—dez soldos de ouro por cabeça é muito, é mais do que nunca foi exigido — nunca! — do mesquinho e apoquentado judeu. E metade desta finta seria de sobra para arruinar, para perder de todo a mais rica judearia de Hespanha. Compadecei-vos de nós, senhor, minorando a imposição.

— Pelo que é do tal mensageiro do calipha, tu mentes, Isaac; que os sayões do burgo não teriam deixado de o farejar se tal fosse. As minhas justiças são diligentes, e haviam de ter noticia da sua chegada.

— Juro pela . . . pelo . . . [o judeu ia quasi a dizer: *pela toura, pelo Pentatheuco*; mas acudiu ainda a tempo com o freio á lingua]. Juro pelo céu que é verdade. . .

— A verdade é, mas é outra [continuou o conde]. A verdade é que tu, sotranção cadimo, precisavas idear uma historia para te eximires a ti e aos teus de pagar para as despezas da guerra uma juderega muito rasoavel, muito modica, modica de mais para as usuras que os da tua raça costumam levar aos christãos. Pois fica certo que a hasde pagar até o ultimo silique. Fraca, muito fraca restituição é essa do sangue que os perros judeus nos tiram em quantos contratos e escambos tem comnosco. . .

— Senhor! . . .

— Calla-te! Ou hasde aqui já retractar-te da falsidade com que procuravas apadrinhar a tua requesta; ou. . .

— Senhor! . . .

— Calla-te! — Então o conde disse algumas palavras ao ouvido de um dos conselheiros do tribunal que lhe ficava á sua direita; e este virando-se para o judeu, continuou:

— Isaac, não ignoras as penas severas que a lei impõe aos falsarios; desdize-te em quanto é tempo. Confessa que fabricaste uma invenção para seres favorecido na tua requesta. . .

— Falsario seria eu se negasse a verdade do que acabo de affirmar.

— Insistes! Então prepara-te para accusação ainda mais grave. Se não és falsario, és complice desse espia, que disseste.

— Complice! . . . Eu! . . . [E Isaac empallideceu e turbou-se todo].

— Complice, sim, complice do espia, porque se o não fôras vieras denuncia-lo a tempo de o apañarem, e não esperáras que elle desaparecesse para só então, já certo de ser em segurança, vires fazer alarde da tua lealdade um tanto tardia, Isaac;

(\*) Refere a Historia Compostellana que os judeus habitavam o sopé do monte, em cuja ladeira fôra edificada a cidade.

e pedir misericórdia para a tua bolça, assaz apertada e remissa sempre que se trata de ajudar a christandade contra o infiel. [A esta invectiva do juiz, Isaac ficou como fulminado; derrubou a cabeça sobre o peito, e não respondeu palavra].

— Socega, Isaac [proseguiu o juiz]. Não te accuso de complice: estás innocente, bem o sei: o espia foi urdidura da tua cabeça. Mas o tribunal é piedoso, e remittirá o castigo, que merecia a tua mentira aleivosa e cainheza indisculpavel por uma multa suave. Serás somente condemnado em mil soldos de oiro, com tanto que confesses a falsidade com que pertendeste enganar o tribunal.

— Não, não, não, não senhor! Senhor meu, eu não pertendi enganar a justiça . . . . .

— Teimas ainda, rebelde? Pois então passarás, já que o queres, pela pena caldaria, ou pelos tratos do potro.

— Senhor, senhor, darei doze testemunhas do meu bairro, toda a judearia por testemunha de que eu não faltei á verdade em quanto vim relatar.

— Enlouqueceste, miseravel! Esqueceste já, vil judeu, que essa especie de prova te não aproveita, e nem senão a christãos é permittido produzir testemunhas, nem aos da tua raça testemunhar?

— Estou perdido, perdido! [e Isaac depenava as barbas, e apertava a cabeça entre os punhos].

— Perdido não estás tu, se te desmentires, e . . . .

— Sim, sim, sim, sim, sim, sim senhor, meu excellente senhor! Eu me desdigo, eu me desdigo de tudo, e . . . .

— E agora paga os mil soldos de oiro.

— Misericórdia, misericórdia!

— Que um escrivão acompanhe Isaac [acrescentou o conselheiro interrogante, sem prestar attenção ás reclamações do judeu] para receber d'elle a multa em que o tribunal o condemna. Lavrai auto [continuou, dirigindo-se para outro escrivão] da retractação do judeu. E depois de assignado por este, dai copia ao pregoeiro. Pregoeiro, apregoareis hoje mesmo por todo o burgo a retractação judicial de Isaac, para que os moradores fiquem entendendo que é fabula a vinda de um emissario do calipha.»

Assignado o auto, pediu o judeu uma guarda até casa para sua segurança, porque se temia do povo, sobre tudo dos rapazes. Foi-lhe concedida.

Mas apesar da guarda que o acompanhava, composta de homens de chuça, e um dos sayões por cabo, entrou logo, á sabida do tribunal, a ajuntar-se gente atraz d'elle.

— Olha o farizeu! Olha o lobis-homem! Olha o feiticeiro! Olha, olha o judeu! Figas, figas, cão tihoso! [Diziam uns].

— Ó Sebastiana tira, tira já para dentro da janella essa creança, que se o maldito a bispa, póde ficar-te com os olhos tortos! [Dizia um para uma mulher que estava á janella com uma creança ao collo].

— Ó visinho Joaquim, fazei recolher a vossa companhia que está em vespas de Deus lhe fazer mercê; que se aquelle arganz do inferno lhe deita os olhos, arrisca-se a ter algum mau successo, coitadinha! [Dizia outro para o marido de uma mulher grávida que ia na chusma].

— Cá para traz, cá para traz, compadre Crispim. Ah! home, que ainda ha poucos dias sois levantado da cama, e já vos ides pôr adiante d'esse excommungado, que é capaz de vos metter nos ossos umas quartaãs que vos ponham á dependura!

[Dizia para o çapateiro Crispim, convalescido de pouco, um amigo d'elle].

— Ó mestre José, fechai depressa a cancella ao vosso serrado, que se o bafo de Brazabu que acolá vem, chega a dar no meloal, e nas feijociras, que estão tão bonitas, era uma vez hortaliça! [Dizia para este um seu visinho ao ver o judeu que se aproximava].

O tumulto ia crescendo, e o povo, sobre tudo os rapazes duas vezes tentaram arrancar Isaac das mãos da justiça, sendo necessario empregar a força para os repellir. Não podendo have-lo ás mãos, choveram então pedras e lama da rua sobre o pobre judeu; choveram das janellas, e dos eirados das casas tomates, pepinos, marmellos, e cascas de melancia em cima d'elle, e da guarda; choveram de toda a parte sarcasmos, doestos, injurias, e pragas em que as velhas, e as moças, as bonitas, e as feias, os homens sisudos, e os garotos, tomaram parte muito activa. Até os proprios cães a seu modo a tomaram, porque juntando-se aos bandos de todas as partes do burgo vieram, convocados pela algazarra, e o faro talvez, ladrando e matinando atraz d'aquella immensa procissão, e arremettendo de ora em quando para o judeu, como se o distincto lhes ensinasse a elles tão bem como ás creaturas racionais a aborrecê-lo e a persegui-lo; de maneira teimosos em sua raiva que mais de uma vez foi preciso afastá-los ás chuçadas, para que as poupas das pernas, ou as tiras da aljubeta do desgraçado Isaac não viessem a ser despojo d'aquella campanha.

Éra scena vivissima do fanatismo da epocha. Não faltava alli [pois como havia de faltar?] a tia Josefa. Ia a velha no meio de uma grande turba prégando, exclamando, incitando a gente contra os judeus por zêlo da religião, já se sabe — ao menos assim o dizia ou o inculcava; mas de mistura com todo aquelle zêlo ia escondida uma sêde, uma sêde inveterada que ella tinha áquelle perro usurario que emprestava, como o severo Bruto, se se hade crer a historia, somente a 4 por cento ao mez, forçando-a a descer um furo a taxa para lhe não abalarem os freguezes, christãmente habituados aos seus 60 por cento ao anno. Ia n'outro grupo o notario Sueyro Gaindiz bravo e encarniçado como um franciscano em sermão de domingo de quaresma, animando as turbas com textos do codigo, clamando que se não applicára ao judeu a pena da lei, e soltando de ora em quando suas baforadas de vinho e de latim com muita edificação dos circumstantes, que tanto mais se enthusiasmavam quanto menos o entendiam. Via-se outro grupo de populares, vestidos das suas bragas, e zorames, mas que pelo desalinho mostravam ser do escumalho do burgo, com as suas monteiras á banda, e seus varapãos ás costas. E um d'elles mais desempenado, que parecia o capitão, parou de repente; batteu com o cajado no chão; estendeu o pescoço para um dos da comitiva; cochichou-lhe ao ouvido algumas palavras; fez o mesmo para os outros; e depois virou-se para elles todos, e perguntou:

— E então? . . . . .

— Disse! [responderam elles: e batteram todos a um tempo com a ponta dos cajados no chão].

— Á entrada da Judearia? . . . . .

— Á entrada da Judearia [responderam].

— Andar.» E, tornando a levantar os varapãos, seguiram o seu caminho a esta ultima palavra do commandante.

Mas quem era um homem que parecia não pertencer a nenhum dos diferentes grupos, que alli iam, e que sem embargo disso andava com muita cautela mettendo o nariz em todos elles? Passou revista aos ranchos que caminhavam atraz do judeu; passou depois para diante; e o judeu que ia encolhido, encolbido como o caracol que picaram com alfinete, lobrigando este individuo, deitou-lhe uns olhos tão supplicantes, e fez uma cara de tamanha piedade e afflicção, que o espreitador deu signaes de commover-se. E, nesta linguagem muda em que os dois communicaram e entenderam rapidamente seus pensamentos reciprocos, pareceu que o primeiro se animou um tanto mais.

Mas emfim quem era esse salvador?

Era o Diogo bésteiro. E o pobre Isaac o que lhe pedia? Protecção.

O Diogo ao despegar os olhos do judeu, deitou-os mentalmente a uma bolça que trazia; e vendo-a no estado daquelle osso medullar, conforme pinta um satyrico da meia idade, muito bem esbrugado e chupado pela besta a mais philosopha do mundo no entender de um grande philosopho — por um cão; tornou a volver a vista para o padecente como quem lhe perguntava: *ajuntas mais algumas duzias de soldos aos que já cá estão?* E ao ler no semblante de Isaac uns signaes telegraphicos que queriam dizer: *ajunto* — partiu dalli como um gamo não sei para onde. Mas o certo é que dentro de poucos minutos appareceu de reforço á pequena guarda dos homens de chuça uma guarda de bésteiros.

Ao chegarem perto do bairro da judearia, sendo já immenso o concurso de gente que ia seguindo o judeu, sem embargo dos destacamentos de bésteiros e homens de chuça, custou muito a impedir que aquella onda não entrasse no bairro de rondão com a guarda. Duas vezes esteve a ponto de se travar um combate entre esta e os paisanos, sendo preciso que acudisse alli o proprio vigario, Gonçalo Dias, a cavallo e armado para com a sua presença e auctoridade, a quem todos catavam respeito, se quietar aquelle tumulto, e fazer retirar para suas casas o popular do burgo todo alvoroçado e revolto. Os moradores da judearia que o sentiram, aprehensivos e timoratos corriam pelas quelhas e viellas a metter-se em casa; trancavam e ferrolhavam as portas. E quando a guarda chegou a entrar com o judeu, todo aquelle quartel parecia deserto; não se via pelas ruas nem viva alma; e tamanho era o terror que ao baterem á propria porta da casa de Isaac, a familia recusou abrir, sendo necessario arrombá-la.

O povo retirou-se sombrio, descontente, despeitado, desconfiado, murmurando, ameaçando, atirando pedras a algumas janellas, e vociferando contra algumas pessoas cuja lealdade lhe era suspeita.

[Continúa.]

A. d'O. Marreca.

#### ACADEMIAS ESTRANGEIRAS.

(Conclusão.)

#### Academias hespanholas e outras.

EXISTIU outrora em Madrid uma academia intitulada *Academia Naturae Curiosorum* fundada em 1652; porem vendo-nos obrigados a confessar que ignorá-

mos quaes fossem seus planos e suas producções litterarias, julgámos por isso mais acertado passarmos a tratar das que actualmente ainda alli se conservam.

O duque d'Escalona creou em Madrid no anno de 1714 a academia real hespanhola, a mais importante das que conhecemos na peninsula. O seu regulamento foi modelado pelos da academia de Crusca, e franceza, visto que todas ellas tinham o mesmo fim — a pureza e aperfeiçoamento da lingua.

Comtudo a academia hespanhola era um campo mais ameno; os seus trabalhos menos espinhosos, e com resultados mais felizes. — O idioma em que escreveram Cervantes, Mendoza, Granada, Moncada, Solis, Saavedra, e outros muitos auctores que mostraram com admiravel pureza d'estilo de quanto brilho é capaz a lingua castelhana, pouco tinha que reformar; — mas apesar disso a academia hespanhola desterrou alguns abusos introduzidos na locução, compondo um dictionario em seis tomos de folio, mui superior em merecimento a todos até alli publicados em qualquer das linguas modernas. Tambem publicou uma grammatica castelhana, e fixou ultimamente o systema orthographico com methodo mui simples e natural. Finalmente a academia hespanhola fez mais serviços á sua lingua vernacula do que nenhuma outra iustituição de identica especie nos tempos modernos. Tem por motto = *Limpa, fixa, e dá esplendor.* =

A real academia de historia data a sua criação do anno de 1730, sendo depois melhor organizada em 1738, sob a protecção de Philippe 5.º — O 1.º tomo das suas Memorias foi publicado em 1796 com o titulo de Memorias da Real Academia de historia. Deu igualmente á luz varios manuscriptos antigos, assim como novas edições de obras historicas, e ultimamente um dictionario geographico d'Hespanha.

Em Sevilha, Valhadolid, e outras cidades ha tambem academias litterarias que teem publicado os seus trabalhos scientificos. — A academia de Bellas-Artes, ou de S. Fernando é outra instituição de elevado merito e de bastante utilidade publica, pois nella ensinam gratuitamente as tres nobres artes de pintura, esculptura, e architectura, os professores mais distinctos do paiz.

Se houveramos de mencionar quantas academias existem em diferentes capitaes e cidades da Europa, dar-nos-hia isso materia para encher muitos numeros do Panorama. Limitar-nos-hemos portanto a dizer que as Academias d'Austria, Suecia, e Russia, tem contribuido muito n'aquelles paizes para o adiantamento dos diferentes ramos de sciencias; não menos que para a perfeição em que alli se acham a agricultura, artes, commercio, e economia geral; — ácerca de cujos objectos se acham publicados varios tomos de memorias interessantes. A academia de Berlin é, porem, tão distincta que não podêmos, sem grave injustiça, deixá-la em silencio.

A academia real de Sciencias e Bellas-Lettras de Berlin foi em 1700 creada por Frederico 1.º, sendo o seu primeiro presidente o famoso Leibnitz. — Frederico 2.º lhe deu nova organização no anno de 1744 nomeando Maupertuis para a presidir. — Está dividida em quatro classes: 1.ª a de physica, para as sciencias naturaes — 2.ª a de mathematica e astronomia — 3.ª a de philosophia — 4.ª a de historia e philologia. Cada uma destas classes elege o seu director cujo cargo é vitalicio. As vagaturas são providas por votação dos membros da academia, com a cerimonia meramente respeitosa de submeter as nomeações á approvação do rei. As memorias desta

academia foram por muito tempo escriptas em francez; mas actualmente publicam-se em alemão.

#### Academias Inglezas.

Quando se considera a grandeza do imperio britannico; a opulencia da sua nobreza e commercio; a multidão de talentos illustres que alli brilharam no derradeiro seculo, em todas as repartições da sciencia humana; a generosidade sem igual dos inglezes em estabelecimentos de beneficencia; a sua tendencia, quasi nacional, para se reunirem em grandes *clubs*; a segurança pessoal e de propriedade de que gosam, junto a uma illimitada liberdade de palavra e imprensa: — quando se observam vantagens tão apreciaveis, ao lado da privação de academias nacionaes, resulta disto uma anomalia que não é facil explicar, e muito menos conciliar.

É verdade que ha em Londres uma sociedade real de homens eminentes, sem limitação de numero, que tem publicado varios volumes de *Memorias philosophicas*; porém á sua organização não foi dada a regularidade das demais academias da Europa. A maior parte dos membros desta associação só aspiram á honra de acrescentar aos seus titulos varias letras iniciaes significativas da classe a que pertence, sem que em nada coopere com os seus trabalhos para a prosperidade do estabelecimento. Finalmente a Sociedade Real de Londres, assim como as outras d'Inglaterra, são apenas listas de homens sabios, e não academias litterarias, por isso que não teem plano systematico, ou regular, sobre o modo de proceder em seus trabalhos scientificos, ou de publicá-los. Em Inglaterra nunca existiu academia ou sociedade alguma, como em Italia, Hespanha, e França, que tratasse de aperfeiçoar e purificar a linguagem nacional; sem embargo de que esta careça mais do que nenhuma outra de methodo e regularidade. A orthographia ingleza, apesar das diligencias empregadas por varios lexicographos para systematisá-la ainda não obteve uniformidade conservando-se a pronuncia n'um estado incerto e arbitrario.—Devemos todavia confessar que semelhante estado fez alli conhecer a necessidade de dar educação á juventude, e que desta educação resultou certa precisão grammatical no discurso, e uma convenção tacita assim no tocante á orthographia, como no que diz respeito a ortoepia; vindo deste modo os inglezes a fallar e a escrever com mais propriedade, segundo o genio da lingua, do que outras nações que fundaram academias só para este fim.

Em quanto a artes liberaes existe em Inglaterra uma academia composta de quarenta artistas, e alguns associados, a qual nem se presta a ensinar gratuitamente, nem ao menos tem galeria publica para estudo. Sabe-se que ha alli um professor de pintura, outro d'esculptura, e outro de architectura; porem tudo o que o publico conhece dos trabalhos destes senhores limita-se ao que vê na exhibição annual de milhares de retratos quasi todos em miniatura, por cuja vista paga o curioso certa gratificação applicada a favor das pessoas retratadas, ou de seus parentes. — Entre os academicos houve e ha actualmente eminentes retratistas; mas como pintores historicos só existem alguns quadros de Reynolds, West, e Fuzeli.

Em quanto a musica algumas academias se fundaram para sua cultura; mas os professores da harmonia conservam tão pouca entre si, que todos os estabelecimentos deste genero desapareceram.

Daqui nasce o não haver musica que possa chamar-se ingleza, á excepção de quatro canções repetidas constantemente nos banquetes do Lord Mayor da cidade e na casa de pasto de Londres, ou de outras ainda mais vulgares nos theatros de segunda ordem. Nas sociedades de primeira ordem só se canta musica italiana ou alemã.

Nestes ultimos annos formou-se uma nova academia de musica, cujo merito e utilidade o tempo mostrará.

Da nossa Academia R. das Sciencias, a muitos respeitos benemerita, démos noticia em o 4.º vol. a pag. 375 e 379.

M. J. M. Torres.



PIMENTA DA INDIA.

A PIPEIREIRA, ou pimenteira das Indias orientaes [*Piper nigrum*] é um arbusto trepador, que em seu modo de vegetar tem muita analogia com a videira; como ella brota da cepa varas nodosas, e propaga-se por bacellos; precisa do apoio d'arvores, a que se apega com seus gavinhos como a vide d'embarado; fructifica em racimos pendentes e de bagos mui bastos; é tambem podada; não o sendo subiria a mais de vinte pés de altura, e não produziria folhas nem fructos na parte inferior, pelo que de raro a deixam elevar-se a mais de dezoito palmos: finalmente agriculta-se como as vinhas em grandes talhões de mil e mais pés, com suas vallas e tapumes, havendo só a differença de que estas cêrcas são plantadas de arvores proprias para servirem d'arrimo ás pipereiras. Tem a folhagem verde-escura, da figura de coração, lustrosa, compouco cheiro, e nada picante ao paladar: a flor é branca e pequena; o fructo redondo, e verde quando novo posto que já creado, mas em chegando á perfeita maturidade faz-se de brilhante côr encarnada: todavia não se colhe maduro porque se estragaria, apanham-se os cachos, quando algum dos bagos quer começar a avermelhar, signal de que todos estão no seu devido crescimento não obstante conservarem-se verdes na côr. Seccam-se ao sol espalhados em esteiras, onde se fazem pretos e engehhados, como os vemos na Europa. Das fazendas de pipereiras tira o proprietario duas colheitas no anno; uma grande entre os mezes de outubro a março do anno seguinte, a outra mais diminuta ou meia

colheita entre abril e setembro, a qual é tanto menor quanto mais abundante foi a precedente. Dá-se este arbusto e largamente é cultivado na Samatra, Borneo, península malaia, e toda a região a leste do golfo de Sião: a melhor pimenta vem do Malabar, e a menos estimada da Java e Samatra. — Suppoz-se por muito tempo na Europa que a pimenta denominada branca era producto de diversa planta e tinha qualidades superiores á commum pimenta negra, e nesta conformidade reputavam-na por um preço bastante subido; porem a branca não é mais que a preta privada da pellicula exterior: para este fim escolhem os bagos mais maduros já corados, e mettidos em canastras os põem de molho em agua corrente ou em tanques; nesta situação incham e ao cabo de uma semana ou pouco mais arrebenta o tegumento, de que os separam cuidadosamente enxugando-os ao sol, esfregando-os com as mãos e a final passando-os ao crivo.

A pimenta e a canella foram as principaes das especiarias, que tão afincadamente procuraram os nossos primeiros navegadores: devemos consideralas de certo modo como causas da nossa gloria maritima.

#### PARALLELO HISTORICO.

*O amor da humanidade, e do honrado pundonor superior ás conveniencias e direitos da guerra.*

Diz o sabio traductor e commentador de Plutarcho na prefacção da obra immortal deste sabio grego — os Caracteres — que as maximas moraes deste escriptor são o mais bello monumento que a rasão humana tenha levantado á virtude. Persuadidos como estamos de que os leitores se comprazerão de ver estas maximas unidas ao conhecimento de factos illustres, verificados praticamente por homens grandes, modellos de honesto proceder, reproduziremos de quando em quando alguns rasgos que nos parecerem de proveitosa moralidade, pondo a par dos factos e das personagens antigas classicas outras de nossa historia particular.

Havendo o dictador Marco Furio Camillo, general romano do tempo da republica, posto cerco á cidade de Faleria, capital dos povos faliscos, no anno da fundação de Roma 396, os habitantes, confiados na fortaleza de seus muros, deixavam sahir algumas pessoas fóra do recinto da praça até certa distancia, seguros de que o inimigo se não atreveria a avançar muito alem de seu alojamento. Um daquelles que gozava desta liberdade era um mestre d'eschola que, acompanhando os meninos a quem doutrina em commum segundo o costume dos gregos, os levava a espairecer ao campo. Porem o malvado abusando desta faculdade, e calcando aos pés todas as rasões d'honestidade e até da humanidade, assentou tirar partido da conjuntura para atraiçoar os seus, e alcançar por uma infamia a recompensa da traição. Pouco e pouco foi alongando o circulo dos passeios, até que topando com as primeiras avançadas do inimigo requereu-lhes o conduzissem com seus alumnos ao general romano; chegado ao qual, todo presumpçoso e ufano lhe disse que alli lhe trazia a rendição da cidade na entrega dos filhos das principaes familias della. O general Camillo todo horrorisado d'uma acção tão negra, exclamou: — Quão terrivel e detestavel é a

guerra! Quantos males e injustiças acompanham este flagello! Mas tu, scelerado, não penses ter achado para acceitar teu impio presente nem um povo, nem um general que te semelhem. Nós os romanos não temos, é verdade, com os faliscos a alliança das convenções e pactos humanos; mas temos e teremos sempre aquella que a natureza gravou no coração de todos os homens. A guerra tem suas leis, como as tem a paz; e nós apprendemos sómente dellas a combater nossos inimigos com tanta justiça como valor. Se nesta occasião tomámos as armas, não foi para guerrear meninos, que até nos assaltos são poupados; sim para combater os faliscos, que sem serem offendidos nem provocados forçaram um campo romano junto aos Veios. Tu, aleivoso, ultrapassaste ainda muito alem sua injustiça por meio d'um crime inaudito até'gora. Pelo que me pertence, eu vencerei os inimigos da minha patria pelos unicos meios reconhecidos nella, pelo valor, pela diligencia e pelas armas. — Depois disto mandou tirar os vestidos ao traidor, ordenando a seus discipulos de o metterem na cidade á força de pedradas. Os faliscos, assombrados e reconhecidos a tanta generosidade, deram satisfação completa: abriram as portas da praça ao general, e fizeram alliança com os romanos.

Por fins do seculo 10.º havia subido ao throno de Leão elrei D. Affonso 5.º, ainda menino de 6 annos d'idade: dirigia os negocios do estado sua mãe a rainha viuva D. Elvira, que juntamente com o conde D. Mendo Gonçalves ficára com a regencia do reino e tutela do rei seu filho. Rivalidades de poder e ambição, muito ordinarias na menoridade dos reis, tinham levantado grandes discordias e perturbações entre os validos e poderosos, e no numero destes se suppunha gravemente offendido o conde D. Froila, ou Froilaz Vermoim, um dos primeiros fidalgos desta epocha, estabelecido com grandes dominios na nossa provincia do Minho, os quaes dominava do seu solar acastellado a torre dita do seu nome — Vermoim — entre o Ave e o Cavado. Naquelles tempos de briosa cavallaria uma injuria feita exigia reparação infallivel, e *le denie de justice* dava ao cavalleiro offendido o direito de guerra. D. Froila ainda suffocou generosamente os impulsos de seu resentimento durante o governo feminino d'uma dama respeitavel, qual era a rainha D. Elvira; mas apenas empunhou o sceptro uma mão masculina, pediu satisfação da injustiça a Affonso 5.º, e não a tendo obtido arvorou sua bandeira e declarou-lhe guerra. Acompanhado dos seus *deudos*, de senhores e vassallos seus, pôz-se em campo, e marchou a Galiza, onde então estava a corte, decidido a justificar-se pelas armas, e abater os seus adversarios.

Neste mesmo tempo porem se havia rebellado a cidade d'Oviedo, capital das Asturias, e o rei de Leão deseioso d'apagar no começo aquelle incendio, partiu a marchas forçadas com seu exercito, que a pressa fizera pouco numeroso, e assentou arraial á vista della. Resistindo os cercados ás primeiras intimações do soberano, mandára este dar o assalto: dispostas e preparadas estavam todas as cousas para elle, soára já o signal das trombetas, quando com assombro e espanto de todo o campo entraram de mostrar-se na crista das alturas visinhas os esquadrões do irritado e vingativo D. Froila em gentil ordenança. Torvados com a inopinada vinda do enojado conde, aconselharam os cabos do exercito a elrei que desistisse por então do

projectado assalto, e acudissem todos ao maior e mais imminente perigo, e tocando a recolher volvessem caras aos esquadrões portuguezes. (\*) Elrei porem, que conhecia melhor os primores de fidalga e cavalleirosa valentia do conde D. Froila, lhes tornou: — Não desistais do assalto; proseguid nelle ainda com maior alento; porque o conde é tal cavalleiro que não hade accommetter seus inimigos pelas costas. —

Continuou então o exercito leonez sua marcha acclerada contra a praça, e arrumadas as escadas aos muros começava de travar-se horrendo conflicto porque os revoltosos se defendiam bravamente. Confuso e admirado ficou D. Froila vendo, que não afrouxavam o combate á vista de suas armas: mas atingindo a rasão occulta deste procedimento e os primores da confiança real, como se alli tivesse vindo em soccorro d'elrei, mandou avançar tambem seus esquadrões contra a praça, e tomando logar a uma das alas das tropas leonezas, posto á frente das suas, foi dos primeiros que escalou os muros com admiravel valor; mas ficou cego das feridas que ahí recebeu no conflicto.

Rendida a cidade d'Oviedo, veio elrei D. Affonso cercado de seus principaes guerreiros em demanda do generoso D. Froila, ao qual acharam recolhido na sua tenda privado da vista e rodeado de seus criados e amigos entristecidos com o successo daquella tragedia. Abraçou-o elrei com grande ternura e reconhecimento; deu-lhe alli todas as satisfações devidas pelas offensas passadas, e derramou lagrimas á vista de tão grande lealdade, e de tão grande desventura.

Nesta familia ficou como vinculado o heroismo da fidelidade e valentia. Um de seus descendentes, D. Rodrigo Forjaz, salvou a corôa ao seu soberano D. Garcia, rei de Galiza e Portugal, na renhida batalha d'Agua de Maias junto a Coimbra, contra D. Sancho rei de Leão; e pouco depois, ainda mal convalescente de suas feridas, venceu e aprisionou por sua mão o mesmo D. Sancho na batalha de Santarem, custando-lhe porem a vida esta gentileza de valor. Deste tronco provieram os Pereiras em Portugal, dos quaes basta nomear o conde D. Nunálvares.

J. da C. N. C.

*O lago de Agnano e a gruta do cão.* — O lago está situado nas visinhanças de Napoles a curta distancia da estrada que vai a Puzzuoli e Baias: supõe-se que fôra a cratera de um volcão, posto que alguns antiquarios se arrojaram a dizer que tinha sido cavado para viveiro de peixes destinado ao consumo da villa ou fazenda de Lucullo, porquanto este opulento romano tivera proximo a estes sitios uma sumptuosa residencia. O lago pouco mais terá de meia legua em circuito, e por toda a parte o fecham e rodeam montes: as suas margens offerem solidão; e o sitio é muito insalubre no ve-

(\*) Não se maravilhem os leitores menos versados nas nossas historias antigas com chamarmos portuguezes aos vassallos e senhores que seguiam as bandeiras do conde D. Froila Vermoim. Neste tempo a provincia do Minho era incorporada no reino de Leão, assim como aquella parte da Beira e Traz-os-Montes já resgatadas de mouros: porem já o territorio desde o rio Minho ao Tejo se chamava Portugal. Temos a prova no concilio de Coynça, celebrado adiante, em que o mesmo D. Affonso 5.<sup>o</sup> diz — *in Callectia et Portucale tale sit iudicium semper quale fuit in tempore patris nostri.* —

rão, concorrendo mais para isso a prática da gente daquelles contornos, que põem a macerar e curtir grandes porções de linho nas aguas do Agnano: e os effluvios pestilenciaes chegam ás maiores eminencias, até a chapada em que jaz o mosteiro camaldulense, donde se desfructa a vista talvez mais bella dos arredores de Napoles. Perto do lago ha os *banhos de vapor*, ditos *Sudatorio di San Germano*; são umas estufas naturaes, compostas de pequeninas cellas de abobada onde os que entram logo experimentam uma copiosissima transpiração; este suor aproveita muito aos doentes de rheumatismo, gotta, e outras molestias; e por isso é o logar bastante frequentado em certas estações. Do lado fronteiro, junto ás bordas do Agnano está a famosa «Gruta do cão» que é uma pequena furna, sem artificio, e de fôrma irregular, aberta na vertente do monte, pelo qual entra dez a doze pés, tendo quatro e meio de largo e cinco d'alto: é celebre porque do chão exhala um vapor mephitico que atordoa e priva dos sentidos os cães e outros animaes, e até os mata se os deixam alli ficar. — Chegando perto do chão uma tocha ou um archote acceso, logo se apaga; se lá metterem por algum tempo uma vasilha com agua contrabe esta um sabor ácido mui distincto: o homem só corre perigo abaixando-se e inclinando a cabeça na altura de tres palmos distantes do solo, porque então respira o vapor que não se eleva mais alto. Esta propriedade singular, que o povo rude attribue a obra do espirito das trevas, permaneceu, depois de bem reconhecida, sem explicação plausivel por largos tempos até que se descobriu que a verdadeira causa do phenomeno era uma camada de acido carbonico que se levanta da terra pouco mais ou menos tres palmos, e de que ella não vem mais acima se convence quem observa a experiencia do cão; o homem que faz esta experiencia entra de ordinario em pé na gruta e vai até o meio, abaixa-se gradualmente e ajoelha, sem lhe acontecer mal, porque tem o cuidado de conservar a cabeça bem levantada; assim que está ajoelhado agarra no cão pelos quatro pés e deita-o de lado, logo as convulsões attacam o pobre animal, que dentro em pouco se inteiriça, e morrerá se alli o deixarem. Ainda hoje se ignora a origem desta camada de acido carbonico, é comtudo opinião geral que provém das emanações do Vesuvio, e que esses gazes são ultimos resultados da acção volcanica quando fenecer, e que o seu peso os mantem nas pequenas cavidades ou furnas. Observou-se com effeito que a gruta do cão era mais baixa para o fundo que á entrada, donde se póde concluir que para acabar com o phenomeno que lhe dá celebridade, bastaria nivelar o chão da gruta ou mudar o pendor que tem esse terreno; mas o proprietario della, que tira seus ganhos das experiencias que os viajantes alli vão fazer, está bem longe dos desejos de tentar a minima mudança.

ESCREVENDO os lacedemonios a Lycurgo, e mandando-lhe perguntar, de que modo se poderiam defender de seus inimigos, o celebre legislador espartano respondeu-lhes com esta sentença — fazendo abnegação no altar da patria de vossas paixões e interesses privados, e unindo-vos.

A arte de saber descer até os mais pequenos é o mais seguro meio para se igualar com os grandes.